HOT news 13

BOLETIM INFORMATIVO OFICIAL HOT CLUBE PORTUGAL DEZ'16

A INTERNACIONALIZAÇÃO DO JAZZ PORTUGUÊS

INTERNATIONAL YOUTH JAZZ CAMP
(SAPPORO, JAPÃO)

IASJ Jazz Meeting 2016, BOSTON

PARTIDA, LARGADA, FUGIDA
2 PERGUNTAS A CÉSAR MACHADO

ENTREVISTA A PEDRO MARTINS DE LIMA

25 ANOS DO GUIMARÃES JAZZ

ÚLTIMAS PALAVRAS SEM MÚSICA

A DANÇA DOS PÁSSAROS

CUIDADO COM A IMAGEM

HOTCLUBPORTUGAL

2 SESSÕES ÀS 23H E 00H
ABERTO DAS 22H ÀS 2H
FECHADO DOMINGOS E SEGUNDAS
PRAÇA DA ALEGRIA, 48 1250-004 LISBOA
WWW.HCP.PT / HCP@HCP.PT

HCP JAN'17

5/6/7 QUINTA A SÁBADO
TGB
SÉRGIO CAROLINO tuba
MÁRIO DELGADO guitar
ALEXANDRE FRAZÃO bat

---

11 QUARTA
OPUS 22
PEDRO PACHECO violino
OTTO PEREIRA violino
SAMUEL BARSEGIAN viola
PERC MIGUEL MENEZES ctb
ANTÓNIO L. GONÇALVES guitarra
Quinteto de formação clássica improvisa sobre Bach, Mozart e Piazzolla

---

12/13/14 QUINTA A SÁBADO
AMPLECTORS
NELSON CASCAIS ctb
BX ANDRÉ FERNANDES guitar
OSCAR M. GRAÇA philicorda
JOÃO PEREIRA bat

17/18 TERÇA E QUARTA
HOME
JOÃO BARRADAS acordeão midi; composição
EDUARDO CARDINHO vibrafone
MANÉ FERNANDES guitar
GONÇALO NETO guitar
RICARDO MARQUES ctb
GUILHERME MELO bat
Vencedor do Prémio Jovens Musicos 2016

---

19 QUINTA
PABLO LAPIDUSAS "Solo & Trio"
PABLO LAPIDUSAS piano
LEO ESPINOSA bx
MARCELO ARAÚJO bat
Apresentação do songbook "pianoworks I"

20/21 SEXTA E SÁBADO
L.A. NEW MAINSTREAM
LARS ARENS tb; comp
DESIDÉRIO LÁZARO sax t
ANDRÉ SANTOS guitar
DANIEL BERNARDES piano
ANTÓNIO QUINTINO ctb
JOEL SILVA bat

24/25 TERÇA E QUARTA
ANDY SHEPPARD'S Smut
ANDY SHEPPARD sax tenor; soprano
em parceria com a Escola de Jazz Luiz Villas-Boas / HCP BERNARDO TINOCO sax alto
JOÃO FRAGOSO guitar
JOÃO CORREIA ctb
SAMUEL DIAS bat

---

26 QUINTA
SEPTETO DO HOT CLUB DE PORTUGAL
BRUNO SANTOS guitar
JOANA MACHADO voz
JOÃO MOREIRA tp
PEDRO MOREIRA sax t
RICARDO TOSCANO sax a
ROMEU TRISTÃO ctb
JOÃO PEREIRA bat

27/28 SEXTA E SÁBADO
MARIA JOÃO "OGRE" (the electric trio)
"Plástico" & "Songs for Shakespeare"
MARIA JOÃO voz
JOÃO FARINHA teclados, comp
ANDRÉ NASCIMENTO laptop, electrónica

---

31 TERÇA
COMBO DA ESCOLA DE JAZZ LUIZ VILLAS-BOAS
+ Jam-Session

FEVEREIRO
2/3/4
QUINTA A SÁBADO
RACING MACKERELS
NUNO FERREIRA guitar
JOÃO MORTÁGUA saxs
OSCAR M.GRAÇA teclados
ANTÓNIO QUINTINO ctb, bx
JOEL SILVA bat

edit

“Non significa nula se no ha swing”

Frase de Duke Ellington e lema da Casa del jazz em Roma

A **Casa do Jazz** é um projecto que o Hot Clube desenvolve desde o início dos anos 90. O incêndio na sede do Hot, em Dezembro de 2009, podia ter sido o fim dessa ideia. Mas aconteceu o contrário. Tornou-se óbvio que as colecções que o Hot Clube tem em seu poder, sobretudo o espólio do Luiz Villas-Boas, mas também as doações que têm vindo a integrar este Núcleo Museológico, são fundamentais para a compreensão da história do jazz em Portugal e merecedoras de um espaço que permita a sua divulgação ao público em geral. Temos consciência que um projecto desta envergadura demora o seu tempo a concretizar, mas também sabemos que é de pequenos passos que se faz a caminhada. Esses passos têm sido dados com o apoio de algumas entidades tais como a Fundação Calouste Gulbenkian ou a Fundação para a Ciência e Tecnologia (através do INETI da Universidade Nova) que permitiram que nos últimos anos o espólio fosse estudado, catalogado e digitalizado para futura consulta e disponibilização ao público. O Hot Clube não quer de forma alguma que a **Casa do Jazz** seja um projecto seu, a ideia é envolver outras entidades, não só ligadas ao Jazz mas também ao poder local e entidades privadas no sentido de criar um pólo de divulgação, estudo e criação para o Jazz Nacional. Um sítio onde se possa ouvir, estudar, comprar Jazz e conhecer algumas particularidades do jazz português e da sua história. Não lhe queremos chamar museu, embora tenha alicerces na história. Queremos chamar-lhe *Casa* porque pretendemos que seja uma instituição em crescimento contínuo, um local de aprendizagem e celebração desta música que é, afinal, aquilo para o que todos trabalhamos.

Inês Cunha

A Exposição “Prelúdio para um Museu” viajou no passado mês de Novembro para Guimarães a convite da Associação Convívio e da Câmara Municipal de Guimarães, coincidindo com as comemorações dos 25 anos do Festival de Jazz de Guimarães. Esta exposição, criada em 2008 para as comemorações do 68.º aniversário do Hot, nasce da vontade do Hot Clube de mostrar aquilo que tem no seu Núcleo Museológico, e é mais um passo para a concretização da **Casa do Jazz**.

índice

4
O JAZZ NA CRISTA DA ONDA
ENTREVISTA A PEDRO MARTINS DE LIMA

9
PARTIDA, LARGADA, FUGIDA
2 PERGUNTAS SOBRE A INTERNACIONALIZAÇÃO DO JAZZ A CÉSAR MACHADO

10
INTERNATIONAL YOUTH JAZZ CAMP
SAPPORO, JAPÃO

14
25 ANOS DO GUIMARÃES JAZZ

15
IASJ, BOSTON

16
ÚLTIMAS PALAVRAS SEM MÚSICA
DEDICADO A RUI CARDOSO

17
ORQUESTRA HCP
A DANÇA DOS PÁSSAROS

O MESMO, AQUI, É BOM!
A ESCOLA DE JAZZ

18
CUIDADO COM A IMAGEM

19
OIÇAM LÁ ISTO
AS ESCOLHAS DE...

20
POST-IT
MEMÓRIAS DO HCP

HOT news 13
DEZEMBRO 2016

Direcção Inês Cunha / **Colaboram neste número** Inês Cunha, Luís Hilário, Pedro Roxo, Miguel Lourenço, Bernardo Moreira, Gonçalo Marques, Margarida Campelo, César Machado, Vasco Narciso, Paulo Gil, António Pinho Vargas, André Santos e Tomás Pimentel / **Design gráfico / paginação / revisão** © HOTdog
Capa Fotografia do jovem Daniel Cabrita, International Youth Jazz Camp, Sapporo, Agosto 2016, ©Keigo Sadahisa / **Produção** Luis Guilherme Cunha
HOT CLUBE DE PORTUGAL **Presidente da Mesa da Assembleia Geral** Bernardo Moreira / **Presidente do Conselho Directivo** Inês Cunha / **Presidente do Conselho Fiscal** José Sousa Soares / **SEDE** Praça da Alegria, 48, 1250-004 Lisboa / Tel 213 460 305 — **ESCOLA DE JAZZ LUIZ VILLAS-BOAS** **Director pedagógico** Bruno Santos
MORADA Travessa da Galé, n.º 36, 1.º andar, 1300-263 Lisboa / Tel 213 619 740 / Fax 213 619 748

A HOTNEWS É ESCRITA DE ACORDO COM A ANTIGA ORTOGRAFIA OU DE ACORDO COM A OPÇÃO DE CADA AUTOR.
A INFORMAÇÃO E COMENTÁRIOS INCLUÍDOS NOS CONTEÚDOS DESTA PUBLICAÇÃO SÃO INTEIRAMENTE DA RESPONSABILIDADE DOS SEUS AUTORES.

INSTITUIÇÃO DE UTILIDADE PÚBLICA
PRÉMIO ALMADA NEGREIROS 2001
MEDALHA DE MÉRITO CULTURAL DO MINISTÉRIO DA CULTURA
MEDALHA DE HONRA DA CIDADE DE LISBOA
MEDALHA DE HONRA DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTORES
MEMBRO FUNDADOR DA INTERNATIONAL ASSOCIATION OF SCHOOLS OF JAZZ

HOTNEWS É O BOLETIM INFORMATIVO OFICIAL DO HOT CLUBE PORTUGAL

WWW.HCP.PT
HCP@HCP.PT
WWW.FACEBOOK.COM/HOTCLUBEDEPORTUGAL

O JAZZ NA CRISTA DA ONDA

ENTREVISTA A PEDRO MARTINS DE LIMA

por Pedro Roxo [PR] / Miguel Lourenço [ML] / Bernardo Moreira [BM]

Apesar de ser sobretudo conhecido como um dos primeiros surfistas portugueses e como mergulhador que trabalhou com o oceanógrafo e documentarista, Jacques-Yves Cousteau, Pedro Martins de Lima (n. Lisboa, 1930) teve um interessante passado ligado ao jazz e ao Hot Clube de Portugal (HCP), não apenas enquanto fã, mas também enquanto instrumentista de contrabaixo e de percussão. Na conversa que com ele mantivemos na sua casa em Francelos, Pedro Martins de Lima [PML], relata alguns episódios que o ligavam ao jazz e ao HCP nas décadas de 1950 e de 1960. O seu depoimento é valioso para a compreensão de parte importante das redes de sociabilidade associadas às actividades do HCP e aos eventos ligados ao jazz na cidade de Lisboa nessas décadas.

[ML] Quando é que começou a interessar-se por jazz?
[PML] A partir dos dezanove anos comecei a trabalhar. Isso permitiu-me ter dinheiro para, inclusivamente, ir para o estrangeiro. Tinha companheiros de caça submarina em Paris, que eram fotógrafos, cineastas, e gente ligada à moda. E, assim, frequentava espaços onde se ouvia o melhor jazz na Europa, porque todos os músicos passavam por Paris. Isto no princípio da década de 1950.

[PR] Então conheceu o Hot Club de Paris, o Hugues Panassié e o Charles Delaunay [críticos, divulgadores de jazz e dirigentes do Hot Club de Paris]?
[PML] Conheci o Panassié, o Martial Solal (pianista e compositor), o Charles Delaunay. Ía ouvir todas as noites o Lester Young que tocava no Blue Note e no Mars Club. O meu amigo Alain Boisnard, fotógrafo de moda e cineasta, tinha um palacete da família que estava à venda, cujo jardim dava para os Champs-Elysées. Era um centro da gente da moda, do teatro e do cinema, que aí íam tomar o absinto ou o Ricard às cinco da tarde. Aparecia lá a actriz Micheline Presle, o actor Jean Marais, etc. Ao fundo da rua, era a Rue d'Artois, onde ficava o Blue Note e onde Lester Young era o músico residente. Havia outros músicos residentes. Aí, durante duas semanas, tive o privilégio de ver todas as noites o Chet Baker a tocar, embora já muito decrépito.

[PR] Mas como é que funcionava a sua ligação com Paris?
[PML] A minha ligação a Paris devia-se ao facto de eu escrever artigos sobre mergulho, porque fui um dos primeiros mergulhadores com escafandro autónomo de ar comprimido em Portugal. Fiz um estágio na La Spirotechnique – a fábrica de equipamento de mergulho do comandante Jacques Costeau, de que fiquei representante em Portugal, juntamente com o Gérard Castello-Lopes. Depois comecei a escrever para o Club de Chasseurs et Explorateurs Sous-Marins de France e através deles vim a conhecer uma quantidade de futuros companheiros e amigos de mergulho franceses que eram também pioneiros da fotografia submarina. Comecei também a fazer fotografias submarinas em 1950, com o Gérard Castello-Lopes, que também estava ligado ao jazz. Mas, na verdade, eu descobri o jazz quando assisti a um concerto do Glenn Miller na base da Ilha Terceira, nos Açores, em 1944 ou 1945. Eu estava lá porque o meu pai participou num golpe de estado contra Salazar, em 1930. O meu pai chamava-se Martins de Lima, neto e bisneto de oficiais de cavalaria. Portanto, era uma linha militar que, até certo ponto, salvou o meu pai de ir para o Tarrafal, ao contrário do que sucedeu com companheiros dele. Saiu da deportação e foi readmitido ao serviço, em 1943. Como ele falava línguas, foi readmitido no Faial como Oficial de ligação com as tropas estrangeiras. Fiquei um ano no Faial e um ano na Ilha Terceira, onde vi o Glenn Miller (tinha eu quinze anos) e, entretanto, comecei a ouvir o King Cole Trio, porque nós apanhávamos a [Rádio] Voz da América.

[PR] Lá nos Açores tinha acesso a revistas americanas?
[PML] Sim, eu ía ter com um oficial americano que era meu companheiro de vela e foi numa das suas revistas que eu vi o anúncio às primeiras barbatanas Churchill e o Duke Kahanamoku (nadador e surfista) a surfar, em 1945, nos Estados-Unidos. Ele estava a introduzir o surf. Além dessas informações nas revistas havia também as referências ao jazz. Isto é importante porque o acesso à cultura internacional era uma coisa hermética, como aliás continuou a ser. Eu voltei para Lisboa no final de 1945.

[BM] Quando é que conheces o Luiz Villas-Boas?

1. *JAM-SESSION* (1951-1952) NA PRIMEIRA SEDE DO HCP COM FERNANDO RUEDA (BT), PEDRO MARTINS DE LIMA (CTBX), MÁRIO SIMÕES (PN), ARTUR "ART" CARNEIRO (SAXT) E MÁRIO DE JESUS (TRP). ENTRE O PÚBLICO ESTÁ LUIZ VILLAS-BOAS. (PT-HCP-LVB-FT-0067-01)

[PML] O Villas-Boas, conheci-o quando vim para Lisboa, através dos irmãos Sangareau, a malta reunia-se em casa deles, isto por volta de 1947.

[BM] Ouviste o primeiro programa de rádio que o Villas-Boas emitiu em 25 de Novembro de 1945?

[PML] Não, porque ainda não estava em Lisboa. Mas sabia que ele fazia rádio. Eu, o Luís e o Fernando Sangareau saíamos para a noite para ouvir música. Antes do Tavares Belo (maestro e pianista), havia um tipo que tocava muito bem, de onde saiu o Carlos Menezes (guitarrista), que era o Tony Amaral (pianista), que eu depois vim a conhecer quando ía à Madeira vender malhas. Como ganhava muito bem ficava no Hotel Reid's, onde ele tocava e o irmão, o Carlos Amaral, que tocava piano no Hotel Savoy. O Carlos Amaral depois arranjou um contrabaixo e cheguei a tocar com ele.

[PR] Mas em casa dos Sangareau tocavam jazz ou apenas ouviam música jazz?

[PML] Em casa dos Sangareau eles começaram com música afro-cubana. Tinham uma tumbadora, porque o D. Alfonso (pai dos Sangareau) vinha das Antilhas. A primeira música que o Fernando Sangareau conseguiu acompanhar à viola era um tema do Nat King Cole, o *I Love You for Sentimental Reasons* [Ivory Watson e William Best, 1945]. Depois havia as festas trepidantes que eram completamente loucas. Naquela altura, toda a gente que vinha actuar a Portugal – bailarinas, companhias de ballet para os teatros de variedades, vindos de Espanha e França – quem dava a chancela era o Fernando, que era funcionário consular. Então, ele marcava logo as que lhe interessavam e saíamos à noite com a nata importada dos *cabarets* de Lisboa *[risos]*. O grupo principal era constituído pelos três irmãos Sangareau, o Gérard Castello-Lopes, eu, o Manuel Menano, o Vasco Cardoso e o arquitecto Manuel de Azevedo Igreja. A malta juntava-se todas as tardes numa esplanada no café Lisboa, que era em frente ao Parque Mayer, onde se juntava a boémia dos artistas, músicos, artistas do teatro de revista, etc. Quando queríamos encontrar um músico, íamos ao café Lisboa, onde ía o Humberto Madeira (que também frequentava o HCP e jogava póquer connosco), o Raul Solnado, o Max, o Domingos Vilaça (clarinete), o Fernando de Albuquerque (trompete), o Rafael Couto (contrabaixo), o Tavares Belo (maestro e pianista). Quando o Tony Amaral veio tocar no Cabaret Maxime, com a sua orquestra completa, com o Max como vocalista e o Carlos Menezes na guitarra, ele volta para a Madeira e já não leva o Menezes nem o Max, que ficaram a tocar em Lisboa. O Max tocava também contrabaixo de vez em quando e cantava, e o Tachi era baterista. Na fase do Reid´s, o Tony Amaral tocava todas as coisas que estavam na moda, as coisas do Pérez Prado (pianista e compositor cubano), os mambos e essas coisas afro-cubanas. Eles tinham uma bateria e eu ensinei a fazer a batida da bossa-nova, isto em 1953.

[PR] Encontravam-se para tocar em *jam-sessions* particulares, mesmo em casa dos Sangareau?

[PML] Julgo que não.

[BM] Em casa dos Sangareau não entrava disso. Isso eram as coisas que o Luiz Villas-Boas organizava em vários sítios, por exemplo, na Faculdade de Ciências, no Instituto Superior Técnico, no Centro Espanhol e no Café Chave d'Ouro.

[ML] Mas nos ensaios, encontravam-se nalgum sítio em especial?

[BM] Não havia ensaios.

[PML] Por exemplo, houve uma altura em que tocávamos no Maxime. Quer dizer, nós não tocávamos lá, o Manuel Menano, o Luís Sangareau e eu começávamos a tocar, com as raparigas todas a dançar e os músicos a jogar às cartas lá dentro.

[PR] Mas quando é que começou a tocar contrabaixo? Foi com os Sangareau?

[PML] Foi no 4.º andar da Praça da Alegria, na primeira sede do HCP. O Manuel Menano tocava piano, o Gérard Castello-Lopes tocava *booggie--wooggies* no piano e eu também tocava *booggie-woogies* à oitava. Era

(...) É preciso explicar um pouco: na minha infância e sobretudo na minha adolescência viajava muito. E depois mergulhava, fazia vela, jogava boxe, hóquei em patins, ténis, montava a cavalo, praticava bodyboard, catamarã, motocross, tocava jazz. Mas isto tudo ao mesmo tempo. (...)

a época do George Shearing, das valsas do Shearing, como o *Roses of Picardy* [Haydn Wood, 1916]

[PR] Mas como é que aprendeu a tocar contrabaixo?
[PML] De ouvido, tal como aprendi a tocar piano, se é que aquilo que faço seja tocar piano. Toco *bebops*, bossa-nova e outras coisas. Eu sou capaz de improvisar duas horas seguidas, e coisas que acho que são melodicamente giras, gravo para não me esquecer. É preciso explicar um pouco: na minha infância e sobretudo na minha adolescência viajava muito. E depois mergulhava, fazia vela, jogava boxe, hóquei em patins, ténis, montava a cavalo, praticava *bodyboard*, catamarã, *motocross*, tocava jazz. Mas isto tudo ao mesmo tempo. Por isso fui casado cinco vezes, porque elas não me aturavam *[risos]*. Por exemplo, tinha o catamarã no Clube Naval de Cascais e arrancava para Albufeira para passar férias, fundeava em Vilamoura e ia tocar com os Sheiks. Vinha a nadar com a roupa amarrada dentro de um saco de plástico. Tinha barbatanas e uma toalha. Enxugava-me, vestia a roupa, enterrava as barbatanas junto à muralha de Vilamoura e ía tocar com os Sheiks até às duas da manhã e, depois, íamos jogar póquer para casa deles. O Paulo de Carvalho era o baterista, o Fernando Tordo era a voz, o Fernando Chaby na guitarra e o Edmundo Silv no baixo-eléctrico. Tocava bossa-nova. As autoridades não deixavam estar mais tempo após as duas da manhã. Eu levava *surdo*, *cuica*, *reco-reco*, *pandeiro*, *tamborim* – porque tocava bem esses instrumentos – e íamos pela rua fora a tocar. Uma vez por volta das três da manhã eu estava debaixo de um candeeiro a tocar pandeiro, abre-se uma janela e uma velhinha pergunta: "Não tem vergonha?", "Porquê? Estou fora do tempo?" *[risos]*. Quando comecei a ir para os Açores onde passava dois meses no Verão, ía três vezes à Madeira vender malhas e aí toquei com o Tony Amaral, com o Carlos Amaral e toquei com o filho do Tony Amaral, que se chamava António. E lembro-me de lhe ensinar a pancada da bossa-nova.

[BM] Havia outro pianista funchalense que era o Fausto Caldeira.

[PML] Sim, é verdade. E também o Hélder Martins. Ele ía a casa dos meus pais tocar, na Rua Gomes Freire, porque tínhamos um piano. Depois, morámos na Quinta do Lameiro (Carcavelos), num palacete Pombalino, em que tínhamos um salão com dois pianos o que permitia tocar *boogie-woogie* a dois pianos e onde se veio a realizar a *jam-session* com o Luís e com o Pops [Albert 'Pops' Whitman]. O grupo que foi à *jam-session* era o núcleo: os Sangareau, o Manuel Menano, o Gérard Castello-Lopes, o Luiz e a Helena Villas-Boas.

[PR] Isso foi a continuação daquela célebre *jam-session* no Café Chave de Ouro?
[PML] Sim, porque essa teve de acabar aí à meia-noite ou uma hora e fomos continuar em minha casa.

[ML] Na segunda sede do HCP há algumas imagens em que aparece um toldo com uns músicos a tocarem lá fora, lembra-se disso?
[PML] Sim. Fartei-me de tocar ao ar livre. Era a última casa que faz esquina para o Largo do Matadouro em frente ao Liceu Camões, ao cimo da Av. Duque de Loulé. Era a sede do HCP. Era a casa toda do primeiro andar e tinha um jardim com um terraço que dava para a Duque de Loulé. E nesse terraço punha-se um toldo e levávamos o piano para lá.

[ML] Mas não deixa de ser estranho haver concertos ao ar livre. Era vulgar?
[PML] Aí, nesse terraço, eu acompanhei ao contrabaixo o Jimmy Davis [cantor, pianista, compositor], que compôs o tema *Lover Man*. Lembro-me de alguns dos músicos que passaram por lá, o George Johnson (saxofone), o Jimmy Davis no piano, o Sangareau na bateria e eu no contrabaixo. Nessa altura já viajava muito para a Madeira e, por vezes, ficava lá uns dias, em que aproveitava também para mergulhar. Ficava no Hotel Reid´s. Eu tocava percussão afro-cubana, que era quando começam a aparecer esses estilos de música os *cha-cha-cha*, os *mambos* e essas coisas. Com o Tony Amaral, tocava tumbadora. Depois as bifas vinham-me felicitar e tal... *[risos]*. Era o período em que a Madeira era estância de férias da realeza inglesa e escandinava. [Mas no HCP] a época de maior intensidade foi nessa sede no 4.º andar [1.ª sede na Praça da Alegria n.º66] em que todas as noites ía eu, o Manuel Menano, o Gérard Castello-Lopes, o Villas-Boas e os Sangareau. Eu ía mais cedo para estudar no contrabaixo, fazer as escalas. No contrabaixo, a corda de Mi [mais grave] ouvia-se muito mal.

[BM] O primeiro contrabaixo do HCP que me lembro nem tinha a corda de Mi, só tinha três cordas *[risos]*.

[PML] No meu tempo tinha quatro cordas, tinha corda de Mi, mas era toda em corda de tripa. O contrabaixo era muito pequenino, pois era um contrabaixo de ¼, tanto que depois, mais tarde [em 1956], foi o músico do Count Basie [o Buddy Catlett], que deixou um contrabaixo e levou esse mais pequeno. Eu aprendi a fazer os contracantos com o Manuel Menano. Era com ele que estudava. Fazia por tentativas até conseguir dar a nota certa. Era por ouvido. Era o que se usava na época. E como o contrabaixo era pequenino, portanto tinha um braço mais pequeno, era extraordinariamente mais fácil ir à procura da nota. E acho que tenho ouvido absoluto porque afinava o contrabaixo de ouvido, com o piano.

[PR] E chegava também a estudar por via da audição de discos?

[PML] Sim, na sede. Levava os meus discos porque lá ainda não havia e tocava com os discos.

[PR] E onde adquiria os discos?

[PML] Era nas viagens. Em Paris e, mais tarde, em Londres. Costumava ir em Londres a um centro comercial que ficava em Picaddilly onde havia uma discoteca com muita variedade de discos e era aí que os adquiria. Também pedia aos meus amigos que me enviassem.

[PR] E chegou a tocar em *jam-sessions* no Hot Club de France?
[PML] Não, mas toquei no Ronnie Scott's, com o Coleman Hawkins, já ele era velhinho e andava com muita dificuldade. Foi num período em que ía todos os anos, duas ou três vezes, a Londres. A sede da minha empresa também era em Londres. A ICI [Imperial Chemical Industries] era a maior empresa inglesa e uma das maiores do mundo. O Ronnie Scott sabia que eu tocava contrabaixo, porque ía para lá ouvi-los ensaiar à tarde, depois ía lá à noite, todas as noites. Ainda era na primeira localização do clube, no Soho. O Coleman Hawkins quando lá foi tocar, chegou ajudado por alguém e sentou-se. Depois trouxeram-lhe o saxofone. Ele começou a tocar, olhou para o sax e disse *"You are no longer the same" [risos]*. Como o contrabaixista ainda não tinha chegado, estivemos a tocar uns compassos, também com a bateria. Em Lisboa, toquei também com o Bill Coleman [trompetista], em 1959.

[ML] Os seus amigos de Lisboa tinham actividade musical regular no âmbito do jazz?

[PML] O Gérard Castello-Lopes, de miúdo, tocava piano, lia pautas — a mãe era uma grande pianista/concertista — Marie Antoinette Lévêque — que veio a casar com o Pedro Freitas Branco, em segundas núpcias [Marie Antoinette Lévêque Freitas Branco]. Lembro-me de passar férias na casa dele no Guincho, onde tinha um piano pequeno. Mas ele era incapaz de improvisar…

[PR] E o Manuel Menano?

[PML] Tinha um grande ouvido musical. Era a época do George Shearing, dos grandes solistas de piano, do aparecimento do Oscar Petterson, etc. Mas o Shearing marca aquela época dos uníssonos do piano com o vibrafone e a guitarra. Eram as valsas de jazz...

[PR] Era o chamado *Easy Listening* na altura, que cá em Portugal era seguido pelo Shegundo Galarza, entre outros.

[PML] Eu toquei muitas vezes com o Shegundo Galarza, no restaurante Mónaco [Caxias, linha do Estoril]. Mas arrepiava-me tocar com ele! Comia compassos, falhava harmonias... *[risos]*.

[BM] O Erico Braga [actor e programador], também conhecido por Jerico, foi quem trouxe o Shegundo Galarza para Portugal! Viu-o a tocar no País Basco. O restaurante Mónaco era de um galego chamado António Costa, e apareceu em Caxias ao lado da estrada marginal, na década de 1940. **[ver imagem 2]**

[PR] E relativamente aos Sangareau, eles passavam algum tempo em Barcelona, chegou a acompanhá-los aí? Eles tinham ligações com o Hot Clube de Barcelona e o Luís Sangareau actuou bastante em Barcelona.

[BM] Nesta época, dos anos 40 e 50, o Luís Sangareau não ía lá! Talvez fosse esporadicamente a Espanha, mas no fim dos anos 50 foram várias vezes a Barcelona. Com o Jean-Pierre Gebler tocou lá em 1959. O Gebler com o New Blues Jazz Sextet, com Chuck Israels, etc., foi lá julgo que por volta de 1960. Mas o Sangareau e o Gebler não estavam em Barcelona muito tempo. O Sangareau de vez em quando arranjava lá uns *gigs* e tocariam umas duas ou três semanas seguidas. Depois voltavam. Por volta de 1963 o Sangareau foi viver para Ibiza...

[PML] Nessa altura dos anos de 1940 e 1950 eles viviam cá e o Luís Sangareau tinha pouca massa — a que o pai lhe dava e a que nós ganhávamos aos pais dele a jogar póquer *[risos]*. Ele era mais velho do que eu. O Mário Simões tocava a dois pianos com o Carlos Villaret no Wonder Bar, no antigo Casino do Estoril. O Carlos Villaret foi tocar numa *tournée* a África, para Angola, com o Luís Sangareau.

[BM] O Shegundo Galarza fez também uma *tournée* em Angola com o Luís Sangareau [provavelmente entre 1951 e 1952].

[PR] E vocês lembram-se de *jam-sessions* no HCP com marinheiros americanos?

[PML] Isso foi na cave e foi o nosso primeiro contacto com o *bebop*, em 1951-1952. Veio uma esquadra americana com uma grande orquestra — metais, sax barítono, baixo, com os *naipes* todos, para aí quatro trompetes, que enchiam o palco! Havia quase tantos músicos a tocar como malta a assistir! Como quando veio cá a primeira vez a orquestra do Count Basie, em 1956. Nos anos seguintes foi a Exposição de Bruxelas [em 1958]. O senador brasileiro mandou para essa exposição o que eles tinham de melhor em arte. Então mandou o Passista no Casino do Estoril, que tocava pandeiro, o Chevallier; mandou o Sivuca, que veio a tocar com o Harry Belafonte nas Antilhas; mandou o Dédé, que foi organista e pianista daquela orquestra grande brasileira que levou o samba para os E.U.A., o Sérgio Mendes, e que cantam em inglês. Depois o Dédé ficou cá a tocar...

[BM] Isso é no tempo em que esteve cá aquele baterista muito bom de samba, o Edson Machado!

[PML] Havia um grupo brasileiro com dois músicos que estavam em Lisboa a estudar. Um era o Gedeão Vargas da Silva e o outro tocava bossa maravilhosamente bem, harmonias do João Gilberto, Toquinho, etc. E nós íamos todas as noites para o Bip Bip onde tocava o Nestor, o melhor guitarrista de bossa e samba que veio do Brasil para a exposição de Bruxelas e que depois ficou cá! Ficou no Cantinho dos Artistas. E o Sivuca, tocava piano no Restaurante Galo, que era onde se juntavam as meninas boas das famílias más e os meninos maus das famílias boas… *[risos]!* O Sivuca tocava piano, com a malta toda bêbada a falar alto, a debitar música de sonho e eu sentava-me ao pé dele.

[BM] O Sivuca era completamente albino e não suportava a luz. De dia estava sempre com uns óculos escuros fortíssimos. Ele fez um sucesso monumental na linha do Estoril, onde viviam todos os reis no exílio, o Damião da Bulgária, o Conde de Barcelona, o Arquiduque da Áustria, e era convidado dessa gente toda! Ora nessa altura o presidente da Assembleia Nacional era o Dr. Albino dos Reis – era como a gente chamava o Sivuca *[risos]*.

[ML] O Sivuca ficou quanto tempo por Portugal?

[PML] Esteve cá anos!

[BM] Não sei, pelo menos um ano esteve.

[PR] Mas para vocês que assistiram a estas bandas que traziam o início do *bebop*, vocês tinham a noção de era uma música nova?

[PML] Eu já tinha discos de *bebop* que tinha trazido (de fora). E já tinha

2. QUINTETO NO RESTAURANTE MÓNACO COM CLAUDE BOLLING (PN), PAUL LAMBRET (VBF), CARLOS MENEZES (GUIT), FERNANDO RUEDA (BT), PEDRO MARTINS DE LIMA (CTBX) 11-08-1956 (PT-HCP-LVB-FT-0186-01).

assistido a concertos no Blue Note e no Mars Club, em Paris.

[BM] O To Zé Veloso [António Barros Veloso] em 1950, em Coimbra, tinha um disco do Charlie Parker!

[PML] Lembras-te quando eu ía com a minha maleta de discos e o *pick-up* e ficava na República do Tó Zé? Eu ía vender malhas a Coimbra, no princípio dos anos 50, que foi quando eu conheci o Bernardo Moreira e aquela pandilha toda [de Coimbra]! Ficávamos a noite toda na República a ouvir discos que eu tinha trazido de Paris!

[PR] Mas sabe que uma das coisas que tenho percebido é que a influência americana na década de 1950 foi muito forte, sobretudo a partir da implementação do Plano Marshall em Portugal. Provavelmente isso teve influência no funcionamento do próprio HCP, por isso é que o Villas-Boas tinha boa relação com o embaixador, ía buscar os músicos, etc...

[PML] Sim, claro. Mas o Villas-Boas trabalhava no aeroporto e era uma pessoa super dotada do ponto de vista de estabelecer relacionamentos e contactos. Naquela altura, quem trabalhasse numa companhia de aviação estava anos luz à frente... Para vocês, hoje, é impossível imaginar… Por exemplo eu ía e vinha de carro, de Paris. Não podia trazer Coca-Cola, era proibido, e os livros do Sartre, trazia-os escondidos debaixo dos bancos e dentro do motor porque se me apanhassem, prendiam-me! O mesmo se passava com os livros da Simone de Beauvoir e do Albert Camus – um dos escritores mais importantes da minha vida sob o ponto de vista cultural!

[BM] E o Johnny Hallyday?

[PML] Não, isso já é da época dos cabedais... Havia um sítio fantástico em Paris que era o Mars Club, onde ía todas as noites cear. Faziam chili com carne e toda a malta que estava a tocar em Paris ía lá. Tinham um pianista que era também o dono. Nesse sítio eu vi a Sarah Vaughan e a Ella Fitzgerald cantar várias vezes e ali fiquei amigo da Carmen McRae, mostrei-lhe Paris durante uma semana! Tenho uma carta dela em que me diz *"finalmente realizei o meu sonho, tenho o meu autocarro com os meus músicos, vamos fazer uma digressão nos sítios mais importantes de jazz dos E.U.A. É uma oportunidade bestial para ti, vem connosco!"*. Infelizmente eu tinha entrado na ICI há pouco tempo, tinha pouca massa nessa altura... e declinei. O jazz e o desporto sempre foram fontes de felicidade ao longo da minha vida sempre partilhada com os meus Amigos.

3. *JAM-SESSION* NO HCP COM PANCHITO CAO (CL), JOSÉ LUÍS TINOCO (PN), LUÍS SANGAREAU (BT) E PEDRO MARTINS DE LIMA (CTBX), 1956 (PT-HCP-LVB-FT-0030-06)

4. CONCERTO NO "JARDIM DA MANGA" EM COIMBRA, COM ANTÓNIO BARROS VELOSO (PN), PEDRO MARTINS DE LIMA (CTBX), CARLOS MENEZES (GUIT) E LUÍS SANGAREAU (BT), 1955 (PT-HCP-LVB-FT-0098- 01)

PARTIDA, LARGADA, FUGIDA

2 PERGUNTAS A CÉSAR MACHADO

I. TEM O JAZZ PORTUGUÊS QUALIDADE E EXPRESSÃO PARA SE AFIRMAR NO ESTRANGEIRO?

Basta recuar trinta anos para perceber quanto o jazz mudou em Portugal. Mudou o ensino, em qualidade e quantidade de escolas – um dado fundamental para explicar o segundo; assistiu-se ao surgimento de jovens músicos, tecnicamente dotados e em número nunca antes visto; a par disto, nasceram imensos Festivais, e — desaparecidas as lendas que passaram pelo mítico Cascais Jazz —, os concertos avulsos cresceram em número e categoria dos artistas que vão actuando pelos nossos palcos. Se este factor potenciou os anteriores ou sucedeu o inverso não é o mais importante; provavelmente foi um pouco de ambos. Certo é que, algumas experiências destes festivais permitem dizer que os nossos melhores músicos tocam lado a lado com parceiros de ofício de toda a origem, falam a mesma linguagem, com os mesmos dotes e competências. Haja em vista o exemplo da *Big Band* "residente" do Guimarães Jazz, à falta de outro termo, projecto realizado em parceria com a Culturgest, entre os anos de 1999 e 2004, com cerca de vinte músicos de oito ou nove nacionalidades, com assinalável assiduidade, dirigidos (por esta ordem) por Michael Gibbs, Gil Goldstein, Maria Schneider, Bob Mintzer, Gianluigi Trovesi e Kenny Wheeler. Muitos dos melhores músicos portugueses passaram por estas formações. Para além dos directores, puderam repetidamente partilhar experiências com companheiros de orquestra de origem diversa. Para além do crescimento como músicos, estas participações permitiram projectos posteriores comuns "transfonteiriços", actuações ou gravações com parceiros dessa *Big Band.* Esse "outro lado" da orquestra, que não se vê no palco, é um ganho inquestionável e, pena é, que o projecto tenha terminado e não seja replicado noutros festivais. Em contrapartida, nasceu no Guimarães Jazz um outro projecto, que tem em comum com este o facto de trazer frutos a prazo, não apenas imediatos, reduzidos ao concerto, e de permitir o cruzamento feliz de valores consagrados da nossa música com músicos de outras proveniências — o projecto TOAP, que vem permitindo juntar em palco, com gravação e posterior edição, nomes maiores do nosso jazz com músicos estrangeiros de qualidade reconhecida. Trata-se de criar oportunidades que dificilmente surgiriam fora de um contexto de festival, que permitem efectivas possibilidades de aferir das qualidades dos nossos músicos e de lhes dar oportunidade de internacionalizar as suas carreiras a partir destas experiências. Sucede que, por vezes, não valorizamos o que seria devido. Como é possível, por ecemplo, o "esquecimento" do valiosíssimo contributo de Pedro Moreira, como "Musical Assistant" de Herbie Hancock, como consta da ficha técnica, no disco Gershwin's World, onde surgem nomes mais ou menos falados da cena jazz internacional como Wayne Shorter, Ron Carter, Chick Corea, James Carter, Kenny Garrett, ou Stevie Wonder e Joni Mitchell, para além de muitas outras figuras. Foi isto notícia? Não, estranhamente.

II. O QUE DEVEM FAZER AS INSTITUIÇÕES CULTURAIS PARA DIVULGAR O JAZZ PORTUGUÊS FORA DAS NOSSAS FRONTEIRAS?

Para terem mais oportunidades de tocar lá fora, os músicos nacionais deverão ter mais oportunidades de tocar cá dentro. É necessário que os responsáveis pela realização de festivais acreditem na qualidade dos nossos jovens talentos e os incentivem a apresentar a sua música, os seus projectos, por vezes formados para aquele festival em concreto. Mesmo que falando em causa própria, é inevitável citar o exemplo do Festival Guimarães, O Verão é Jazz, inteiramente organizado e progamado pela Associação Convívio, com financiamento municipal. Na edição de 2016, estrearam-se três novos projectos, criados especificamente para este festival — uma formação pouco usual com dois talentosos vibrafonistas — Eduardo Cardinho e Ricardo Coelho, integrados num sexteto de grande qualidade, Hristo Goleminov, assumindo-se pela primeira vez como *leader*, à frente do seu quinteto, a tocar composições suas, e o Trio de Miguel Calhaz. Por este festival passaram formações de músicos da Galiza. Está em curso um programa de intercâmbio com agentes galegos que permitirá ao Convívio trazer músicos da Galiza a Portugal e aos nossos músicos tocarem na Galiza, no que ficarão a ganhar os músicos e o jazz de ambos os lados do rio. À nossa escala é possível fazer isto. E fazemos. Projectos mais ambiciosos seriam necessários, para atingir outra escala. Eleger grupos que, pela sua destacada qualidade, pudessem ser institucionalmente apoiados na minimização dos custos "de contexto" para efeito de tornar mais viáveis *tours* pela Europa, seria um bom exemplo. Criar projectos bilaterais — vai um bom grupo de cá, vem um de fora —, ao abrigo de protocolos com os serviços culturais de "países amigos". Porque não criar espectáculos gravados em festival, com o fim de "trocar"transmissões com grupos nacionais por essa Europa fora, na base de acordos com televisões estrangeiras? Não caberia isso no "serviço público" que à RTP cabe assegurar? Investir na formação é essencial. Em todos os casos, e porque a largada se prepara antes de partir, continuar a investir na formação, formação, formação, único modo de se ter uma auspiciosa chegada. Experiências como as Oficinas do Guimarães Jazz são fundamentais para os nossos jovens músicos. Basta perguntar-lhes e logo se fica esclarecido. Quanto à sua qualidade, basta perguntar às dezenas de formadores e excelentes músicos que ao longo dos últimos 15 anos trabalharam neste projecto, e logo se percebe como é salientado o enorme talento e capacidade desta geração emergente, que reforçará as mais recentes, já de si muito, muito fortes.

INTERNA-TIONAL YOUTH JAZZ CAMP

30 JULHO > 5 AGOSTO 2016

por Gonçalo Marques / Margarida Campelo

FOTOGRAFIAS DA PÁGINA 11 ©KEIGO SADAHISA

São 4 da tarde do dia 5 de Agosto na estação de Ski de Benkei, na Ilha do Hokaiddo, no Japão, um local que no verão se transforma num imenso parque natural. A temperatura amena que se faz sentir contrasta com as altas temperaturas que se sentiram em Sapporo nos dias anteriores, e é acentuada por uma leve brisa. Ao longe, ouve-se Jazz. Num palco digno de um concerto de Rock toca uma *big band*, com cerca de 25 jovens músicos com idades entre os 8 e os 15 anos, na sua grande maioria, japoneses. O tema acaba, ouvem-se palmas, levanta-se o jovem saxofonista Álvaro Pinto (13 anos) e vai ao microfone anunciar o próximo tema, o famoso *Chameleon,* de Herbie Hancock. Irrompe repentinamente um *break "funk"* de bateria e, atenção, vira-se para o jovem baterista Daniel Cabrita (11 anos), o público aplaude ao rubro e a música começa cheia de *groove*. Estes não são os únicos jovens portugueses presentes, antes tinha-se ouvido a trompetista Maria Fonseca (12 anos) a tocar com um grupo de cerca de 10 japoneses uma série de temas clássicos de Jazz. Também o jovem baixista Miguel Gonçalves (14 anos), esteve a tocar numa *big band* com cerca de 20 jovens. O que se passa aqui? O que fazem num local perdido de Hokkaido este grupo de jovens músicos de Jazz portugueses? Comecemos pelo príncípio.

Há cerca de dois anos fui contactado por Odd André, um músico e pedagogo norueguês, que tinha visto alguns vídeos de *workshops* que tínhamos feito com crianças, e que se mostrou interessado em saber mais coisas sobre o ensino do Jazz a crianças e jovens em Portugal. Falei-lhe dos vários programas que conhecia, em alguns dos quais estava envolvido, e ele mostrou-se interessado em conhecer o nosso **Atelier de Jazz da escola do Hot.** Depois de muitos *e-mails* trocados, viajou para Portugal e ficou entusiasmado com o nosso programa e com os nossos alunos. Falámos bastante nessa altura e ficaram promessas de algum tipo de colaboração futura. O Odd, para além de ter uma escola de Jazz em Oslo, tem viajado muito com o objectivo de comparar diferentes estilos de ensino do Jazz. Daí o interesse em falar com ele e ouvir as suas ideias e experiências. Entre outras coisas, tem desenvolvido muitos contactos com o Japão, um país onde muitas escolas têm *Big Bands* e onde há muitas crianças e jovens a iniciarem-se nos caminhos do Jazz. Eis senão quando, no final da visita, ele me diz que foi convidado por alguns dos seus contactos Japoneses para escolher um grupo de crianças e jovens europeus para participarem num festival em Sapporo, e que gostaria muito de ter lá algumas crianças e professores do Atelier. Escusado será dizer que fiquei extremamente contente com a ideia, contei à Inês Cunha (que, felizmente, apoiou este projecto desde a primeira hora) e, todo o *staff* do Hot se pôs a trabalhar para que a viagem se tornasse uma realidade.

Partimos a 30 de Julho, eu e a Margarida Campelo, acompanhados por quatro jovens músicos de Jazz. Sabíamos que nos esperava uma longa viagem até Sapporo e, com escalas em Londres e Tóquio, a viagem acabou por demorar, no total, 20 horas!

No entanto, esperava-nos uma surpresa... Estava combinado com a organização tocarmos no dia da chegada, o que não tínhamos percebido é que seria mesmo, mesmo imediatamente a seguir. Assim que chegámos fomos informados que iríamos deixar as bagagens no hostel e que seguiríamos depois para o local do concerto. Lá tentei convencer os nossos anfitriões a fazer o concerto no dia seguinte, explicando que estávamos todos muito cansados da longa viagem, mas eles por sua vez explicaram-nos também que não era possível adiar, que estávamos anunciados para dali a 2 horas e que não havia hipótese alguma de se alterar o programa. Enfim, converso com o grupo a explicar a situação, e decidimos fazer o concerto para não desapontar os nossos anfitriões. Em contrapartida peço para tocarmos apenas dois temas. Assim fizemos, sem tempo sequer de ensaiar e aquecer fomos relembrando a música a caminho do local do concerto, e lá conseguimos tocar os temas prometidos. Os míudos portaram-se que nem uns heróis e o público aparentemente gostou do que ouviu.

De regresso voltámos finalmente para o hostel onde nos foi servido um jantar em estilo japonês para grande gáudio do Miguel, desejoso de experimentar comidas exóticas. No dia seguinte tínhamos que acordar cedo porque teríamos um autocarro à nossa espera, a partir das 8h30 da manhã. Programámos as coisas de modo a estarmos despachados a horas, mas quando fomos tomar o pequeno almoço percebemos que era também ao estilo japonês (e em tudo parecido com o jantar...) e ficámos com a nítida noção que o nosso fraco estômago ocidental não iria aguentar. Felizmente conseguimos descobrir um cafézinho com *croissants,* suficientemente perto, para conseguirmos pontualmente apanhar o nosso transporte. O sítio onde trabalhámos nos dias seguintes — o Art Park de Sapporo — é um parque muito bonito, com alguns museus, um grande auditório, relvados e um bosque. Quando entrámos e nos juntámos aos outros grupos é que nos apercebemos

verdadeiramente da dimensão do evento. Estavam cerca de 150 míudos, acompanhantes, tradutores, etc. Os alunos e os professores tinham sido previamente divididos em grupos e, o primeiro dia, estava reservado aos grupos para melhor se conhecerem. Tinha-me sido dito a mim e à Margarida que ficaríamos com um grupo não muito grande para podermos ensinar música de ouvido, sem partitura. Ficámos aí a saber que o nosso "pequeno grupo" tinha cerca de 20 miúdos... E ficámos também a conhecer o professor japonês que iria trabalhar connosco, Kengo Ono, um simpático e entusiasmado saxofonista, mas que praticamente não falava inglês...

Os 3 dias de *Workshop* passaram muito depressa. De dia trabalhávamos intensamente em cada um dos respectivos grupos, e só nos encontrávamos todos à hora de almoço. À noite, estávamos tão cansados, e ainda a recuperar da viagem, que não tínhamos muita energia para fazer grande coisa na cidade. Só ao terceiro dia, finalmemte, fomos visitar um pouco de Sapporo. Calhou ser um dia de festividades e assitimos a um desfile em trajes tradicionais japoneses. Também nos cruzámos com uma sala de jogos e, depois de muita insistência por parte dos nossos miúdos, lá cedemos a entrar. Encontrámos dezenas e dezenas de jogos eletrónicos e analógicos de todos os formatos e feitios, até autênticos praticantes de *cosplay* e japonesas com roupas tradicionais, cabia tudo naquele salão de jogos. Os míudos, felizes da vida e imparáveis, por vontade deles, ainda lá estaríamos.
Nos dois dias seguintes houve lugar para dois concertos em dois locais diferentes, sendo que o último foi num grande palco montado no parque onde tínhamos estado a trabalhar nos três primeiros dias do encontro. Este concerto integrava-se no festival de Sapporo City Jazz, um grande festival de Jazz por sua vez incluído no Sapporo Arts Festival que comemorava o seu 30.º aniversário. Aparentemente o Youth Jazz Camp foi organizado para comemorar esta efeméride.
Foi de facto uma semana incrível para todos nós, fizemos bons contactos, e fomos muito bem tratados pelos nossos anfitriões e muito em particular por Nozomu Ikeda, um dos responsáveis pelo festival (e grande conhecedor e admirador do futebol português) que nos ajudou em muitas ocasiões.

O dia da partida chegou, apesar de tudo demasiado depressa, o tempo passado no Japão foi uma daquelas ocasiões em que as leis da Fisica parecem ser desafiadas: o tempo passou simultaneamente muito depressa e muito devagar... Ainda conseguimos aproveitar uma tarde em Tóquio, onde fomos muito bem recebidos pela Maho Kinoshita do consulado português que nos ofereceu um fantástico almoço (a primeira vez que comemos *sushi* no Japão!) e que nos aconselhou alguns locais para visitarmos. Passámos a tarde a passear por Tóquio, uma cidade que nos pareceu muito diferente de Sapporo.
Resta-me agradecer o apoio da Inês Cunha, do Bruno Santos e de todo o *staff* do Hot. Foi uma semana fora de série para todos nós e espero também que tenha servido para estabelecer relações duradouras com escolas de jazz de outros países.

GONÇALO MARQUES

FOTOGRAFIAS © GONÇALO MARQUES

E foi justamente esta mistura de nacionalidades entre alunos e professores que tornou esta experiência única.

O convite surgiu através do Gonçalo e eu não podia ter ficado mais feliz e honrada. Já trabalhamos juntos com crianças há vários anos no âmbito do curso do **Atelier de Iniciação ao Jazz**, mas nunca tinha sonhado que isto se estendesse para a ponta oposta do mundo! E a verdade é que nenhum de nós sabia o que nos esperava, e foi uma aventura incrível.

Viajámos até Sapporo, no último dia de Julho, para uma semana inteira de aulas e actividades integradas no International Youth Jazz Camp. Este encontro juntou várias escolas de Jazz, japonesas e europeias, fazendo um total de 172 alunos. Estes alunos foram distribuídos em diferentes grupos com quem, juntamente com os professores responsáveis, trabalharam repertório para apresentar no final da semana. E foi justamente esta mistura de nacionalidades entre alunos e professores que tornou esta experiência única. A maioria dos alunos era de nacionalidade japonesa, o que implicava que houvesse tradutores em todas as salas mas, mesmo quando a comunicação parece um obstáculo, a universalidade da linguagem musical é absolutamente fascinante. Rapidamente percebemos que a passagem de informação entre professor e aluno era muito mais imediata se, simplesmente, cantássemos as melodias que queríamos que reproduzissem, sem qualquer referência sem ser a auditiva. E durante três dias intensos de aulas, eu, o Gonçalo e o Kengo Ono (saxofonista japonês que nos acompanhou ao longo da semana) trabalhámos com o nosso grupo (cerca de 20 alunos), três temas, três arranjos diferentes, sem folhas, tudo de memória. E o resultado foi surpreendentemente e muito, muito positivo!

MARGARIDA CAMPELO

A minha viagem ao Japão foi inesquecível, diverti-me e fiz o que gosto de fazer, tocar trompete. Nunca pensei que um dia pudesse tocar num país tão distante…
No primeiro dia estava muito nervosa, mas quando comecei a escrever japonês e quando me convidaram para tocar uma música depois do jantar, fiquei logo contente e calma. À noite fomos conhecer Sapporo, a cidade estava toda iluminada e cheio de gente…
Gostei das aulas, da programação, do fogo de artifício e de experimentar tocar no Japão. Adorei as músicas do meu combo e de as tocar e também das minhas colegas e do meu professor do combo, que era norueguês. Visitámos Tóquio, havia muita gente…
Foi muito importante para mim fazer este curso, porque aprendi muitas coisas. Agradeço aos meus professores e ao Hot Clube por me terem dado esta oportunidade.

MARIA FONSECA

Ir ao Japão foi uma coisa fantástica!
O Japão… é do outro lado do mundo.
Foi uma grande experiência tocar com músicos de outros países, porque todos tinham uma maneira diferente de tocar.
Adorei a actuação, foi no alto de umas montanhas, numa estância de ski.
No último dia visitámos Tóquio.
Passeámos, vimos um templo e até encontrámos uma celebração religiosa na rua. Aproveitámos para comer sushi.
Foi uma experiência incrível porque conheci uma cultura muito diferente e ainda aprendi umas palavrinhas!

MIGUEL GONÇALVES

Japão – Uma experiência inesquecível

Foi com muita alegria e espanto que recebi a notícia de que iria participar num workshop de Jazz no Japão. Era a última coisa que eu e os meus pais esperávamos que acontecesse. Fiquei muito orgulhoso! O Japão não é propriamente ao virar da esquina...
No dia da partida, encontrámo-nos todos no aeroporto bem cedinho de manhã, no check-in. Nós estávamos contentes e excitados. Os nossos pais estavam nervosos mas o Gonçalo e a Margarida estavam muito calmos. Eles tinham organizado tudo ao pormenor. Estivemos 12 horas no avião, só dormi 2 horas. Vi filmes, joguei e falei com os meus colegas. O problema é que cheguei ao Japão muito cansado. Depois de uma longa viagem chegámos e tivemos logo de tocar. Eu estava muito cansado, mas adorei subir ao palco. Até tivemos público. Depois fomos para um hostel onde ficámos com meninos Japoneses no quarto. Só um menino falava inglês, mas mesmo assim conseguimos comunicar.
Eu e o Álvaro fomos escolhidos para tocar numa Big Band. O meu professor chamava-se Jonathan Maag. Foi uma experiência muito boa! Aconselho a todos os músicos. Tive o previlégio de contactar com músicos japoneses, noruegueses, suíços, suecos, moçambincanos, americanos. Foi muito bom. Fizemos workshops de outros assuntos. Provei chá e bolos japoneses. Por fim, o último dia aproveitámos para conhecer Tóquio. Gostei muito de Tóquio porque era uma cidade grande e moderna.

DANIEL CABRITA

Japão

Eu adorei a minha visita ao Japão, foi uma ótima experiência.
Gostei imenso da viagem de avião, foi muito comprida mas valeu bem a pena. O Festival de Jazz de Sapporo foi muito interessante. Tive a oportunidade de trabalhar numa Big Band juntamente com outros alunos japoneses. Gostei também de trabalhar nas aulas de saxofone com o professor Jonathan Magg. Com ele aprendi outras técnicas para o saxofone.
Achei Sapporo uma cidade muito bonita tal como Tóquio. Pela primeira vez provei sushi e gostei. Achei também os japoneses muito simpáticos.
Adorei a nossa viagem a Tóquio, principalmente o parque em que molhámos as mãos em água sagrada e onde passeámos pelos variados templos. Ainda em Tóquio diverti-me imenso com os meus amigos e professores a andar de metro.
Foi uma bela experiência. Adorei!

ÁLVARO PINTO

25 ANOS DO GUIMARÃES JAZZ

por César Machado
[PRESIDENTE DA DIRECÇÃO DO CONVÍVIO, ASSOCIAÇÃO CULTURAL E RECREATIVA]

(...) Pela parte do Convívio, estamos prontos para mais vinte e cinco anos. E a trabalhar para isso, acabamos de estreitar as ligações com o Hot Club de Portugal...

JAM COM JOVENS MÚSICOS TALENTOSOS / © ALEXANDRE PERDIGÃO

Os vinte e cinco anos do Guimarães Jazz vistos do lado do Convívio, Associação Cultural e Recreativa?

Bom, situando-nos. O Convívio nasceu em 1961e tem vindo a ser um decisivo agente cultural no tecido social vimaranense, enriquecendo a vida cultural da cidade e do conselho com cruzamentos nos territórios do cinema, com a organização do Festival Internacional de Cinema Amador, da Música Erudita (com a organização dos Encontros da Primavera, Festivais de Música de Guimarães e criação do seu próprio Coro), da Literatura (com os Encontros de Poesia Minho-Galaica), das Artes Plásticas (com inúmeras exposições patentes na sua sede e, bem assim, das causas da cidadania (constante pólo de debate plural de questões do mais variado âmbito, antes e depois do 25 de Abril) e, tem sido sempre um espaço de convivência, de amizade, de participação cívica e recreativa dos seus associados.
Na Capital Europeia da Cultura, em 2012, foi uma das entidades que dirigiu o programa associativo "Tempos Cruzados". Pela sua actividade cultural, foi-lhe atribuída a Medalha de Ouro do Mérito Cultural da Cidade em 2000 e atribuído o Estatuto de Utilidade Pública, a 20 de Fevereiro de 2013. Visto, em traços largos, o que poderia dizer-se sobre o Convívio, vamos à resposta solicitada sobre os 25 anos do Guimarães Jazz, vistos do lado do Convívio.

Foi a pensar que *a utopia é só o que demora um pouco mais* que, em 1992, o Convívio propôs à Câmara Municipal a realização de um Festival de Jazz em Guimarães. Está aí, com 25 anos. É o Guimarães Jazz, e dispensa apresentações. O mesmo espírito inicial alimentou durante anos o sonho de criar a Escola de Jazz do Convívio. E a Escola de Jazz do Convívio nasceu em 2012. Hoje, tem cerca de 60 alunos e vários combos no activo. Programar jazz ao longo do ano, num contexto de café-concerto e, fazer de Guimarães uma cidade onde o Jazz não se esgotasse em duas semanas do ano, era uma velha aspiração da casa. Temos regularmente música de Jazz ao vivo na sede do Convívio na programação de fim de semana, nas *Jams Sessions* marcadas ou espontâneas, sempre bem vindas. Neste ano de 2016 festejamos pela primeira vez, e na rua, o Dia Internacional do Jazz com cerca de cem músicos, em diversos locais do nosso Centro Histórico, aliando a qualidade da música à beleza singular dos cenários que Guimarães oferece. No Verão realizamos o Festival Guimarães, o Verão é Jazz. Cerca de duas semanas de concertos gratuitos, em locais semelhantes aos anteriores, dando o palco principal a jovens talentos emergentes do jazz nacional, alguns a criarem projectos e música específicos para este festival. Iniciamos, já no corrente ano, a realização de Cursos Livres sobre a História do Jazz, destinados a alunos, músicos e público em geral. Está em curso a procura de intercâmbios com agentes galegos que permitam colocar músicos portugueses a tocar na Galiza e músicos galegos a tocar em Portugal. Acresce a tudo isto que o Convívio vem sendo palco privilegiado de *jams* absolutamente únicas, em horário generoso, que acolhem momentos irrepetíveis ao longo destes vinte e cinco anos em que o Convívio se mantém parceiro na organização do Guimarães Jazz. Desde 2002, os alunos que integram as Oficinas e cursos de Jazz, fazem do Convívio a "casa", noite dentro, em momentos de *jam* cada vez mais ricos e intensos. É um pouco isto tudo que o Convívio representa quando se fala de jazz em Guimarães e da sua participação dentro e fora do Festival Guimarães Jazz.

Perceber hoje o fenómeno do jazz em Portugal não pode nem deve passar sem se ter presente o caso de Guimarães. E perceber o Jazz em Guimarães sem ter presente o Convívio é não ter presente nem o presente nem o passado. Mas ninguém faz isso. O Convívio e o jazz em Guimarães são indissociáveis. Foram-no ao longo destes 25 anos de Festival. O Convívio cresceu com o próprio Festival. Se é verdade que as realizações enunciadas são levadas a cabo pela associação, que preferimos chamar de "casa", certo é também que não seriam concebíveis nem possíveis sem a força criadora que emergiu do Festival. Isto deve-se ao Festival. O Convívio cresceu muito com o Guimarães Jazz e está grato ao Município, que acreditou na parceria desde a primeira hora e investiu numa iniciativa que nem todos viam com bons olhos nos anos iniciais.

O Jazz em Guimarães já foi menos consensual do que é hoje. O sucesso reiterado do caminho percorrido reduziu a crítica, que hoje não se ouve. Por isso, ao chegar aos 25 anos não se vê quem questione se deve continuar. Pela parte do Convívio, estamos prontos para mais vinte e cinco anos. E a trabalhar para isso, acabamos de estreitar as ligações com o Hot Club de Portugal, com vista à realização futura de parcerias muito concretas que se iniciaram já com a Exposição dedicada a Luiz Villas-Boas, e que esteve patente ao público no Museu Alberto Sampaio, durante o Guimarães Jazz e em comemoração da sua 25.ª edição. Ficam os agradecimentos devidos à Presidente do Hot Club, Inês Cunha, pela permanente atenção e disponibilidade, e ao Eng. Bernardo Moreira, pelo singular acompanhamento dedicado à exposição, acrescido do inesquecível momento que constituiu a sua inauguração — uma magistral viagem comentada pelo material exposto, e com ela, uma incursão na história do jazz em Portugal como mais ninguém faria. São sinais claros de que temos aqui o começo de uma bela amizade. Com isso vem o futuro, que é no que estamos já a trabalhar.

Com força e com vontade.

IASJ, BOSTON

por Vasco Narciso

Descobri a IASJ em 2015, quando o Hot foi anfitrião do evento. De um dia para o outro a escola e o clube estavam cheios de músicos incríveis vindos de todos os cantos do planeta. Brutal!! Falei com o Gonçalo Campos, que nesse ano representou o Hot e ele explicou-me tudo sobre esta associação internacional e em que é que consistiam estes encontros: um aluno e um professor de cada escola de jazz de qualquer parte do mundo juntam-se todos os anos numa cidade diferente e vivem, convivem e tocam uns com os outros. No fim da conversa disse-me que no ano seguinte o encontro da IASJ seria em Boston, na Berklee, e eu comecei logo a sonhar…

Um dia recebo uma chamada do Bruno Santos, coordenador pedagógico da escola: *Olá Vasco, estou a ligar-te para saber se gostavas de representar o Hot no próximo encontro da IASJ, em Boston. O que achas? Estás disponível?* — tipo, com um tom de voz de quem pergunta a outra pessoa se ela está disponível para ir beber um café, ou assim, super casual eheheh, teve piada. Óbvio que disse que sim. E lá fui à América pela primeira vez, com o Gonçalo Marques (trompetista e professor no Hot). Como ía passar uma semana em Boston, decidi prolongar a minha estadia nos Estados Unidos, para visitar Nova Iorque, onde fiquei mais uma semana. Duas semanas na América, duas semanas muito diferentes uma da outra.

A primeira semana, em Boston, foi super intensa e cansativa pois o programa da IASJ era bastante carregado: todos os dias, às 10h, tínhamos que estar no auditório do Boston Conservatory para ouvir o David Liebman ou outras figuras do jazz americano a falar; seguia-se a *masterclass* de instrumento; depois aula de combo; depois *jam sessions*, concertos, etc… isto tudo, com poucas horas de sono e muita *fast food,* dá cabo de qualquer pessoa! Para além de tudo isto, a América é um mundo completamente diferente de todos os sítios onde já estive. Os padrões são outros, as ruas são diferentes, há uma certa sensação de insegurança no ar, sentes que não podes criar contacto visual com ninguém. Assisti a um episódio horrível nos primeiros dias: dois tipos pegaram-se à pancada e, sem mais nem menos, um deles mata-o à facada no meio da rua… não estava a acreditar, parecia um filme!
E depois estava lá eu, a passar no meio daquela confusão entre *gangs* e polícia de guitarra às costas a tentar fingir que não tinha visto nada…
A adaptação a esta realidade completamente estranha também consome energia!

Contudo, com ou sem energia, todos os alunos são divididos em 6 combos e cada combo tinha marcada uma sessão de gravação no estúdio INCRÍVEL da Berklee (quarta-feira) e um concerto final no auditório do Boston Conservatory (sexta-feira). Logo, não há margem para grandes adaptações. Antes pelo contrário, há uma certa "pressão" acrescida. Acho que foi isto que me marcou mais! O facto de naquela semana, bem ou mal, forte ou cansado, a dormir ou acordado, ter que criar uma banda com 5 pessoas que nunca tinha visto antes, temas originais, decorados, versões para estúdio, versões para concerto, e, fazer música! Tudo isto só é possível com um enorme espírito de equipa e sempre com boa vontade nos ensaios, no estúdio, na rua, ao almoço, ao jantar, a fumar um cigarro, sempre! Porque a má vontade e a má disposição de um contaminam o resto do grupo e, isso, não pode acontecer para as coisas fluírem. Enorme lição que aprendi na IASJ. Para além disso, criei laços de amizade fortíssimos, pois a experiência foi fortíssima e essas pessoas partilharam-na comigo. Isso sim, é a maior dádiva da IASJ: uma rede de Amigos sem fronteiras!!!

Até hoje, de todas as experiências musicais que já vivi, nada se compara às duas semanas que estive nos E.U.A. Em Boston, para além da IASJ, passei muito tempo com o Gonçalo Marques, que é uma pessoa e um músico que admiro muito, e conhece a cidade e sabia onde eram os concertos bons (ahahah), por isso não podia ter tido melhor companhia!! Vou guardar para sempre na minha memória o concerto dos The Fringe, banda que toca *free jazz,* tipo, há 30 anos todas as semanas no mesmo sítio, que teve um convidado especial nessa noite: David Liebman. A energia que eles passaram foi especial, e nunca senti nada assim, em nenhum concerto de qualquer tipo de música.

Logo que acabou a semana da IASJ apanhei um autocarro para Nova Iorque. Fiquei em Harlem, 147st., rua onde o Miles e o Parker viveram juntos. É incrível como a música deles está diretamente relacionada com o bairro onde viviam e o tipo de vida que tinham. Faz tudo um pouco mais de sentido quando se está lá. Também vi concertos incríveis e tive uma aula com um dos meus guitarristas preferidos, Peter Bernstein. Foi em Nova Iorque que encontrei e comprei **A Minha Guitarra**, a minha fiel parceira para esta aventura que tenho pela frente enquanto músico, e não só!

Enorme obrigado a todos os que tornaram possível esta experiência, porque, certamente, foi um ponto de viragem na minha maneira de viver e de viver a música.

ÚLTIMAS PALAVRAS SEM MÚSICA
RUI CARDOSO

por Paulo Gil

RUI CARDOSO (SAX) © AUGUSTO MAYER

Quando soube, através do Tó Zé Veloso, que o Rui Cardoso iria ser operado no Hospital dos Capuchos, a um tumor abdominal complicado, alojado no segmento horizontal do cólon, por um lado fiquei apavorado com a gravidade da situação clínica, por outro, surpreendido porque o meu amigo Rui costumava fumar quatro maços de cigarros por dia (!) e tinha-o feito ao longo de grande parte da sua vida e, em conversa com o cirurgião, este esclarecera-me que, relativamente aos pulmões, nada de complicado se passava, era tudo no intestino. O Rui Cardoso, quase sempre me deixava surpreendido quando nos encontrávamos. Conhecemo-nos quando eu tinha 20 anos, ele era um pouco mais novo. Na altura, já eu era sócio do HCP (desde 1954), o Rui Cardoso começou a frequentar o clube no 39 da Praça da Alegria. Sofria de asma crónica mas tinha debelado essa situação, em Paris, após várias sessões de acupunctura com um médico japonês. Regressou a Lisboa e matriculou-se em Medicina. Estudava, então, saxofone e flauta.

Após a cirurgia, penso que no Verão de 2012, e durante os dias que passou no pós-operatório no hospital, visitei algumas vezes Rui Cardoso. Recordo-me que as visitas habituais, para além da Teresa Martins, sua mulher, eram as alunas da Escola do HCP a quem ensinava solfejo. Curiosamente, nunca me cruzei com alunos, somente alunas… E eu, claro, que aproveitei a ocasião para combinar com ele visitá-lo regularmente, durante a sua convalescença em casa. E durante aquele ano que mediou entre a cirurgia e a sua morte, todas as semanas (mais de 50!) lá ía eu para a Rua da Imprensa Nacional, no final da tarde, conversar com o Rui Cardoso e acompanhá-lo no exercício físico que o seu médico cardiologista lhe recomendara para fazer em casa: andar com passada regular no corredor, que tinha pouco mais de dez metros, entre a porta do patamar e a cozinha. E o Rui Cardoso, que aparentava ser pouco metódico e ainda menos organizado, criou um sistema particularmente curioso para medir o percurso diário. Como tinha uma enorme colecção de berlindes (de vidro), simples, abafadores e pais-de-todos (dos mais pequenos até aos maiores), colocava um berlinde num cesto de palhinha, por cada "viagem" completa que fazia (20 metros), aos 100 metros, retirava 5 berlindes e substituía por um abafador colocado no cesto, que depois retirava e substituía por um pai-de-todos por cada 1.000 metros percorridos!!! E andou, ao longo daquele ano, dezenas e dezenas de quilómetros no corredor de sua casa… Testemunhas: dois gatos — um que o adorava e outro que lhe bufava, sempre que via o dono — e eu, comodamente instalado num cadeirão de verga, a meio do corredor… São imagens que, dificilmente, irão desaparecer da minha memória. E tudo isto a bem da melhor circulação vascular das pernocas do músico!

E durante todo esse tempo, Rui Cardoso ía conversando comigo e recordando os "engates" que fazíamos às alunas do Charles Le Pierre, o liceu franco-português nas Amoreiras, montados na sua Vespa creme, uns dias tudo em português, outros tudo em francês… Ainda hoje não falo nada mal francês graças a essa prática "de combate"; do 2 CV cinzento, o magnífico Citröen que subia tudo o que eram rampas e calçadas em Lisboa, sem nunca se ir abaixo; do seu longo percurso como saxofonista nas orquestras de teatro de revista; da rebaldaria que eram os diferentes grupos do HCP em que colaborámos os dois; das suas viagens pela Europa e do Maio de 68 em Paris; no tabaco de cachimbo trazido de Londres cujo cheiro enaltecia; dos pintores Costa Pinheiro e Jorge Martins, de quem era amigo e dos quais tinha várias quadros… E, muitas vezes, as conversas terminavam com um seu comentário "Que chatice, Paulinho, porque é que nunca tocaste bateria como os teus ídolos Elvin Jones e Tony Williams!!! Repara só no nível a que podias ter chegado! Já sei que acompanhaste o Don Byas, o Pony Poindexter e o mestre Dexter Gordon… Mas teria sido muito melhor para ti".

Recordo-me que, pouco antes de ser de novo internado no Hospital dos Capuchos, já próximo da sua partida, me chamou a atenção para o seguinte: "Quando eu morrer, continua a fazer o que melhor sabes fazer, não desistas nunca de apoiar os músicos jovens, os mais dotados, de criticar e valorizar a música desta malta mais nova, fala com eles, incentiva-os, desafia-os, dá-lhes na cabeça, para que sejam ainda mais criativos e arrojados". E a frase, que continuo a utilizar como se minha fosse, e que Rui Cardoso me dizia sempre que podia, era: "No jazz, talvez mais do que noutras músicas, quando o intérprete se sente confortável no palco, enquanto toca e improvisa, quase sempre os ouvintes na plateia sentem-se igualmente confortáveis, retirando da música que escutam e na qual também participam, tudo o que de melhor essa música tem para oferecer".

Boa noite Rui Cardoso.
Querido Amigo, fazes-me muita falta.

ORQUESTRA HCP
A DANÇA DOS PÁSSAROS

por António Pinho Vargas

DESIGN GRÁFICO E ILUSTRAÇÃO DO CD © MARIA BOUZA

A ideia/projecto da Orquestra do Hot Clube de tocar e gravar este conjunto das minhas composições de jazz encheu-me naturalmente de satisfação. Músicas compostas há volta de 30 anos, umas mais outras menos, interessarem músicos que, em boa parte, não eram ainda nascidos ou eram muito jovens, quando elas foram compostas e gravadas pela primeira vez. não é muito habitual em Portugal.
A satisfação decorre do facto em si e da sua raridade. É uma evidência que não se poderia esperar que os músicos e arranjadores da Orquestra do Hot Clube de Portugal tentassem tocar da mesma forma que nós, o Quarteto e o Sexteto (ou mesmo eu próprio, mais tarde, a solo), as tocávamos nos anos 80 ou 90. Seria um erro por duas razões. Em primeiro lugar porque seria impossível: o tempo passou, a visão das coisas de então e a nossa própria vida mudou. Em segundo lugar e, mais importante, porque não seria próprio dos músicos de jazz que a constituem não quererem deixar a sua marca, a sua leitura própria, a sua criatividade. Foi naturalmente a segunda abordagem que aqui prevaleceu.

Isso é patente tanto nos arranjos como nas improvisações. Uma *Big Band* tem a sua natureza própria, os arranjos implicam uma partitura escrita pelos diversos músicos autores dos arranjos e, do mesmo modo, os improvisadores da cada uma colocam-se nelas com a sua maneira específica de tocar, hoje. Os arranjos manifestam eles próprios uma diferença. Em alguns casos a presença da versão original dos meus discos antigos é sempre transformada mas mantém um vislumbre claro ou vago, depende, da sua proveniência original. Noutros casos, os arranjadores preferiram lançar-se numa leitura-recriação face aos temas de origem. Essa diferença traduz-se por uma grande riqueza e variedade de opções. Todas são possíveis e legítimas do ponto de vista artístico desta prática musical. Por parte do seu autor longínquo que aqui escreve, não posso deixar de sentir um prazer inaudito com o facto de tal ser possível em 2016. O tempo correu. Mas, de alguma maneira, algumas das músicas que fui capaz de compor no passado e que compõem este disco, regressam, mas a uma outra vida que lhes é dada de uma forma nova pelo empenho e talento de todos os implicados na sua realização.

Nesse sentido resta-me agradecer-lhes o interesse, o desejo e o prazer realmente audível, com que o fizeram. Abraços para todos.

O MESMO, AQUI, É BOM!
A ESCOLA DE JAZZ

por Bruno Santos

Novo ano lectivo, mais do mesmo, no melhor que tem esta expressão, porque o mesmo, aqui, é bom! Mas há algumas mudanças a assinalar. É essencial fugirmos da nossa zona de conforto, colocar obstáculos para dificultar um bocadinho as coisas, senão, não tem graça.

Andei aqui às voltas a pensar em coisas novas e desafiantes para o ano de 2016/17.
Pensando, ouvindo propostas e ideias soltas aqui e acolá, e decidi que era bom mudar algumas coisas. Porque a mudança é boa, mas essencialmente porque sentia essa necessidade. Acho que os meus 40 anos trouxeram novas perspectivas. Ainda bem. E essa mudança tem a ver com aquilo em que acredito, relativamente ao ensino da música, e incentivada por não poder alterar coisas em que tenho menos fé, mas não tenho maneira de o fazer. Na escola do Hot felizmente tenho, temos, essa margem para pensar e decidir, sem interferências de pessoas estranhas à música e com prioridades invertidas. Burocratas, entenda-se. Com relatórios e outros à frente da qualidade do ensino. E para mim, essa é a mais valia de uma escola como a nossa.
Ora bem, assim sendo, pedi a todos os professores que procurassem, mais do que nunca, uma ligação directa à música propriamente dita. Tocar, ouvir, interagir, e colocar numa prateleira mais abaixo os manuais e a parte mais racional e menos intuitiva da música.
Criámos combos opcionais que são, a partir deste semestre, parte integrante do nosso curso regular e que, anteriormente, apareciam apenas como disciplinas opcionais.
Acredito que faz mais sentido um músico, neste caso, no papel de professor, poder decidir e passar repertório em que se sente mais confortável e forte. Assim, os alunos vão tendo experiências distintas de semestre para semestre, com "especialistas" em cada um dos combos temáticos.
Esta é a mudança mais visível, nem que seja por se tratar da disciplina onde tudo é aplicado. Mas a ideia é chegar a todas, teóricas e práticas.
Criar interesse e ligação à música. Lidar com situações reais e práticas. Acredito que não há outra maneira de aprender esta música, ainda que o ensino do jazz, e o jazz consequentemente, comece a padecer de um mal difícil de debelar, a falsa importância ou relevância dos títulos académicos, em detrimento da competência. Falo à vontade porque sou mestre e "especialista". Tramado... mas acima de tudo acredito sempre que a competência prevalecerá sempre. É isso que tentamos passar e incentivar cá.

A escola do Hot Clube está fortíssima!
A bombar!

CUIDADO COM A IMAGEM

por André Santos

Actualmente vivemos na chamada "era digital" com a internet e as redes sociais a terem um poder muito grande na promoção e divulgação de um artista. E, em todas estas plataformas, as imagens são um meio muito forte para cativar a atenção.

Nunca julgue um livro pela capa e ***Uma imagem vale mais que mil palavras*** são duas frases usadas recorrentemente e julgo que a verdade estará algures no meio destes dois ditos quando falamos em capas de discos. Muitas vezes, o primeiro contacto que um potencial ouvinte tem com um disco é através da sua capa, que tem como objectivo cativar e convencer o receptor a escutá-lo.
Por essa razão, não é de agora que os músicos ou as editoras dão importância à capa dos discos, procurando dar a atenção merecida ao design gráfico no meio de todo o processo de concepção de um álbum.

Não diria que a capa de um disco é fulcral para o sucesso do mesmo, mas acredito que poderá ajudar. Ainda para mais, seria ingrato e inglório, depois de todo o trabalho árduo de compôr, ensaiar, gravar, misturar e masterizar, não nos importarmos e termos uma capa que não está de acordo com aquilo que pretendemos passar na nossa música (classe, beleza, ironia, humor, provocação, indiferença ou raiva — são algumas das inúmeras mensagens que uma imagem pode passar e podem ver alguns exemplos abaixo).

Actualmente vivemos na chamada "era digital" com a internet e as redes sociais a terem um poder muito grande na promoção e divulgação de um artista. E, em todas estas plataformas, as imagens são um meio muito forte para cativar a atenção. Também graças a esta era tecnológica, há muita informação a circular e, se queremos que a nossa música chegue a bom porto, é bom que sejamos completos e que nos façamos acompanhar de uma imagem que coincida com aquilo que acreditamos e somos musicalmente. Pela mesma razão, há cada vez menos pessoas a comprarem discos, o que redobra a importância de termos uma capa e todo o design gráfico do disco apetecível, para que aos ouvintes valha a pena gastarem esse dinheiro ao invés de ouvirem de borla numa plataforma digital qualquer, onde com um pouco de sorte poderão fazer o *download* com um software gratuito.

Outra possível vantagem de prestarmos atenção a esta parte mais visual, não só nas capas dos discos, mas também nas fotos e *flyers* que usamos para divulgação e, eventualmente, postura, disposição e decoração do palco, é a de tentarmos perceber o que nos identifica e nos distingue, o que diz a nossa música ou o que queremos passar com ela e como poderemos complementá-la de uma forma não-musical (visual, neste caso) para que a nossa mensagem, mesmo que abstracta, passe de forma clara. Felizmente, somos músicos/artistas, e acredito que ser músico não diz respeito só à música, mas também a toda uma sensibilidade sobre o que nos rodeia, que inclui obviamente outras áreas de expressão artística de onde podemos retirar inspiração para melhor perceber e executar a nossa forma de expressão.

OIÇAM LÁ ISTO

AS ESCOLHAS DE...

Tomás Pimentel

Pediram-me que indicasse 5 discos que de alguma forma me tivessem influenciado no meu percurso musical.
Como devem calcular é um número muito restrito em relação a todos os discos que me influenciaram.
Os primeiros discos que me influenciaram foram os que os meus pais ouviam em casa. Tratava-se da chamada música "erudita" ou "clássica". Só mais tarde percebi que tinha ouvido todos os grandes mestres responsáveis pela evolução da música tonal. E ouvi muito Debussy, Stravinsky, Hindemith, Bartok, etc…
Foi preciso o meu irmão mais velho interessar-se pelo Jazz e começar a trazer discos para casa (na altura trazia-os do departamento cultural da embaixada americana que ficava ao cimo da Av. Duque de Loulé) para eu ser exposto a essa música que trazia sons e ambientes a que não pude ficar indiferente.
Depois comecei a comprar os meus vinis.

Os meus primeiros foram :

1. PHIL WOODS AND HIS EUROPEAN RHYTHM MACHINE
At the Frankfurt Jazz Festival

Um álbum fabuloso onde Phil Woods é acompanhado por uma excelente secção rítmica — Henry Texier no contrabaixo, Daniel Humair na bateria e Gordon Beck no piano acústico e eléctrico. O disco começa com uma impressionante versão de "Freedom Jazz Dance" e é ,todo ele, um poço de criatividade, *interplay, groove*.

2. DEXTER GORDON
The Jumpin' Blues

Este álbum de 1970 revelou-me o grande saxofonista com os seus solos de antologia. Acompanham-no o incrível Wynton Kelly no piano, Sam Jones no contrabaixo e Roy Brooks na bateria. Foi também a primeira versão de "Star Eyes" que ouvi e que passou a ser uma referência para mim.

3. LEE MORGAN
The Gigolo

O meu primeiro disco de um trompetista. Já ouvia Miles, Armstrong (que na altura não me agradava). Fabuloso este álbum de Lee Morgan, com os incríveis Wayne Shorter, Billy Higgins, Bob Cranshaw e Harold Mabern. O tema de abertura "Yes You Can, No I Can't" faz parte dos primórdios do *Funky* e está cheio dessa energia. Os solos de Lee Morgan e de Wayne Shorter são todos cantáveis e de uma qualidade a que nos habituaram.

4. KEITH JARRETT
Facing You

O disco a solo de Keith Jarrett que continuo a ouvir ao fim de 40 anos e onde continuo a descobrir sempre mais….

5. FRANK ZAPPA
One Size Fits All

Um dos albuns que mais me influenciou e que continuo a ouvir com imenso agrado. Um som único de grupo, com a marimba de Ruth Underwood a pontuar a maior parte dos temas, música complexa mas num contexto simpático, sempre fluente, letras de uma grande criatividade, etc….

6. CLIFFORD BROWN
With Strings (Este já é o 6.º)

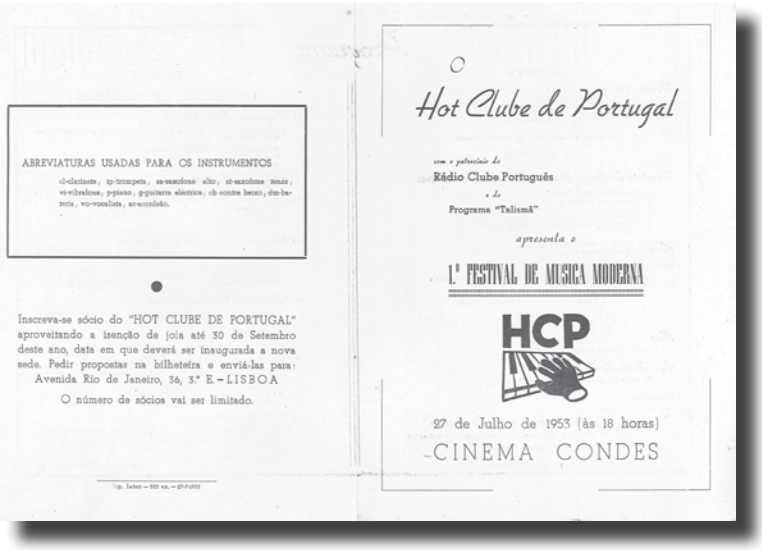
O incrível Clifford num registo mais intimista, mostra da sua genialidade. Não há como não ser influenciado por este álbum, principalmente quando se toca trompete…

POST-IT

MEMÓRIAS DO HCP

Por **Bernardo Moreira (Engº)**

Em 27 de julho de 1957, o Hot Clube organizava no Cinema Condes o chamado 1.º Festival de Música Moderna.
Para além da nata dos músicos nacionais da época integrados nas orquestras de Mário Simões, José Mesquita, Fernando Albuquerque e Domingos Vilaça, do sempre presente Quinteto do Hot Club — nesse dia com Mário de Jesus (trp), Helder Martins (pno), Carlos Menezes (gtr), Raúl Paredes (b) e Luiz Sangareau (d) — e de um "All Stars" nacional, participou também um quarteto vocal saído do grupo coral de Faculdade de Letras de Lisboa, composto por Maria Germana Medeiros, Maria Helena Canelhas, António Cabral e Fernando Cabral.



ABREVIATURAS USADAS PARA OS INSTRUMENTOS

cl-clarinete; tp-trompete; sa-saxofone alto; st-saxofone tenor; vi-violoncelo, p-piano; g-guitarra eléctrica; cb contra baixo; dm-bateria; vo-vocalista; ac-acordeão.

Inscreva-se sócio do "HOT CLUBE DE PORTUGAL" aproveitando a isenção de joia até 30 de Setembro deste ano, data em que deverá ser inaugurada a nova sede. Pedir propostas na bilheteira e enviá-las para: Avenida Rio de Janeiro, 36, 3.º E – LISBOA

O número de sócios vai ser limitado.

O Hot Clube de Portugal

com o patrocínio de Rádio Clube Português e do Programa "Talismã"

apresenta o

1.º FESTIVAL DE MUSICA MODERNA

HCP

27 de Julho de 1953 (às 18 horas)

CINEMA CONDES

Ao ver a presença da Maria Helena Canelhas imediatamente a relacionei com o Justiniano que na década de 60 viria a ser o pianista titular do Quinteto do Hot Club, o tal de Comblain-la-Tour de 1963.
O Justiniano imediatamente confirmou a relação. Maria Helena era sua prima direita.
Também confirmou que do grupo coral da faculdade de Letras fazia parte uma outra prima direita, Laurinda Canelhas, que só não participou naquele festival por impossibilidade momentânea.
Também me disse ter Maria Helena já falecido mas que a prima Laurinda felizmente estava viva.
Combinámos imediatamente um encontro aqui na Escola com a Laurinda Canelhas, que durante a tarde inteira recordou aqueles tempos.

Programa

I PARTE

Documentários musicais

1) "Charlie Barnet e a sua Orquestra".
2) "Ao ruflar dos tambores" — Gene Krupa.
3) "Sinfonia do Swing" — Duke Ellington.

(INTERVALO DE 5 MINUTOS)

II PARTE

Quarteto do Grupo Coral da Faculdade de Letras

1) "Swing low, sweet chariot".
2) "Daniel saw de stone".
3) "By and b-ye".
4) "Somebody's knockin' at yo' do'".
5) "Where you there when they crucified my Lord ?".
6) "Little David".

Soprano — Maria Germana de Medeiros
Contralto — Maria Helena Canelhas
Tenor — António Cabral
Baixo — Fernando Cabral

Direcção e arranjos musicais de Maria Germana de Medeiros

Locução de Armando Marques Ferreira

(INTERVALO DE 5 MINUTOS)

III PARTE
ATRACÇÕES

Max
Dinah. — Mamã eu quero.

Ana Maria de Almeida
I'm beginning to see the light. — Tea for two.

Canelina
El lacho. — Babalú.

Acompanhados por MÁRIO SIMÕES e o seu CONJUNTO
(com Luiz Sangareau-bongos e Acácio de Figueiredo-tumbadora)

Locução de Pedro Moutinho

(INTERVALO DE 5 MINUTOS)

IV PARTE

DESFILE DE ORQUESTRAS

1) Orquestra Mário Simões

Mário Simões - p. e vi; Jorge Há Machado - p. e cb; José Nascimento - g; Fernando Rueda - dm.

a) I can't give you anything but love, baby
b) The man I love
c) How high the moon

2) Orquestra José Mesquita

José Mesquita - p; Mário Coelho - tp; Albino Pereira - cl e as; Pinto de Almeida - st; Manuel Serrado - g; Fernando Correia - cb; Emídio da Costa - dm.

a) Mr. Charles
b) Society Swing
c) Tema em la bemol

3) Orquestra Fernando Albuquerque

Fernando Albuquerque - tr; Fagelmann Maisma - p; Alírio Covas - cb; Acácio Figueiredo - dm.

a) Meet me on the corner
b) Harlem nocturne
c) Music makers

4) Orquestra Domingos Vilaça

Domingos Vilaça - cl, as e st; Joaquim Rocha - tp; Francisco Nascimento - p; Jaime Bastos - cb; Artur Machado - dm; Helder Martins - ac.

a) Fresh air
b) Copenhagen
c) Darktown Strutters ball

5) Quinteto do Hot Clube de Portugal

Mário de Jesus - tp; Helder Martins - p e vo; Carlos Menezes - g; Raúl Paredes - cb; Luiz Sangareau - dm.

a) On the sunny side of the street
b) Body and soul
c) I'll see you in my dreams

6) "All Star" Português

Fernando Albuquerque, Mário Coelho, Mário de Jesus, Joaquim Rocha - tp; Domingos Vilaça - cl, as e st; Helder Martins - p; Mário Simões - vi; Carlos Menezes - g; Jorge Há Machado e Raúl Paredes - cbs; Fernando Rueda e Luiz Sangareau - dms.

a) Lady be good

Locução de Pedro Moutinho

Desse encontro aqui ficam algumas fotografias. Destes encontros se reforçam as memórias dos tempos e das instituições.